

Problematizações sobre as relações entre o desejo, seus objetos e a sublimação

Problematization about the relationship between wish, its objects and sublimation

*Maria Theresa da Costa Barros**

Resumo: Articulamos nossa proposta em três tempos. Tempo de ver, no qual faremos algumas pontuações sobre a noção de desejo em Freud e Lacan. Tempo de compreender, discutiremos as relações entre o desejo, os seus objetos e a sublimação, como um dos destinos da pulsão e a possibilidade de pensar esta noção a partir de uma perspectiva ética da psicanálise. Tempo de concluir, que não é senão aquele em que colocamos ponto final no texto. Na análise, também se chega a um momento em que não se vai mais às sessões, coloca-se ponto final. Mas ponto final em quê? Sobre isso queremos ainda falar: algumas implicações do que entendemos por final de análise.

Palavras-chave: Ética, pulsão, desejo, objeto, sublimação.

Abstract: *We articulate our proposal in three tempi. A time to see, discussing the notion of wish in Freud and Lacan. A time to understand, discussing the relationship between wish, its objects and sublimation as one of drive's destinies, and the possibility to think this notion from an ethical perspective of psychoanalysis. A time to conclude, this is none other than that in which we set full stop to a text. In analysis too, there is a moment in which one does not go to sessions anymore, one sets full stop to it. Full stop to what, anyway? We still want to talk about some implications of what we understand as end of analysis.*

Keywords: *Ethics, drive, wish, object, sublimation.*

* Psicóloga, Mestre em Teoria Psicanalítica/UFRJ, Doutora em Saúde Coletiva/IMS-UERJ.

I. Introdução

Este ensaio constitui um esforço para não ceder quanto ao nosso desejo, o desejo de indagar acerca do ponto de vista ético da psicanálise. Escolhemos *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*, de Jacques Lacan (1959-60/1988), como uma espécie de guia de leitura para nos indicar algumas trilhas do pensamento freudiano a serem percorridas nesta elaboração inicial a que estamos nos propondo.

Nesse Seminário Lacan define a ética como consistindo essencialmente em um “Juízo sobre nossa ação” e que, por menos que seja, a análise fornece algo que se apresenta como medida de nossa ação, ou simplesmente pretende isso. Sua proposta foi articular o ponto de vista ético da psicanálise em sua estrutura própria, em sua topologia que, no cap. XXIV: *Os paradoxos da ética*, ele intitula “perspectiva do Juízo Final”, já que escolheu como padrão de revisão ética a que a psicanálise nos leva, a relação da “ação com o desejo que a habita” (LACAN, 1959-60/1988, p. 375).

Mas vejamos: quando Lacan nos diz que a única coisa da qual é possível ser culpado, pelo menos na perspectiva psicanalítica, é de ter cedido de seu desejo – afinal, o que pode significar tal afirmação? Para ele, ceder de seu desejo acompanha-se sempre de alguma traição no destino do sujeito:

Ou o sujeito trai sua via, se trai a si mesmo, e é sensível para si mesmo. Ou, mais simplesmente, tolera que alguém - com quem ele se dedicou mais ou menos a alguma coisa - tenha traído sua expectativa, não tenha feito com respeito a ele o que o pacto comportava, qualquer que seja o pacto, fausto ou nefasto, precário, de pouco alcance, ou até mesmo de revolta, ou mesmo de fuga, pouco importa (LACAN, 1959-60/1988, p. 384).

Portanto, para Lacan:

Algo se desenrola em torno da traição, quando se a tolera, quando, impelido pela ideia do bem – quero dizer, do bem daquele que traiu nesse momento – se cede a ponto de diminuir suas próprias pretensões, e dizer-se – Pois bem, já que é assim, renunciemos à nossa perspectiva, nem um nem outro, mas certamente não eu, não somos melhores, entremos na via costumeira. Aqui, vocês podem estar certos de que se reencontra a

estrutura que se chama *ceder de seu desejo* (LACAN, 1959-60/1988, p. 384-385).

Privilegiamos a relação da ação com o desejo que a habita como um primeiro caminho de pesquisa que faremos nesse percurso inicial. E embora o termo “desejo” deva ser um dos pontos de nossa análise, ainda mais nos intriga o que diz respeito as suas vias de satisfação, tais como Freud as elaborou na teoria psicanalítica das pulsões, particularmente a via por ele denominada *sублиmação*.

Se Freud propôs como seu imperativo categórico, “*Wo Es war, Soll Ich werden*”, que, segundo Lacan, “situa-se no próprio princípio da entrada do paciente na psicanálise” (Lacan, 1959-60/1988, p. 16), então imputar como única culpa do sujeito ‘ter cedido de seu desejo’ não será um novo imperativo do supereu, ao qual o sujeito só pode responder de forma paradoxal? Para Lacan

(...) É aí que reside a experiência da ação humana, e é por sabermos - melhor do que aqueles que nos precederam - reconhecer a natureza do desejo que está no âmago dessa experiência, que uma visão ética é possível, que um juízo ético é possível, o qual representa essa questão com seu valor de Juízo final – Agiste conforme o desejo que te habita? (LACAN, 1959-60/1988, p. 376).

Todavia, há desejos que o sujeito só consegue enunciar quando o faz através da própria negação: – “Você pergunta quem pode ser a pessoa do sonho. Minha mãe não é” (FREUD, 1925/1988, p. 253). A estrutura do desejo apresenta-se sob a forma de um paradoxo. Freud insiste em dizê-lo sob diversas formas, por exemplo, na *Interpretação dos sonhos*: “a vida da alma dispõe também de desejos cujo cumprimento provoca desprazer. Isto parece uma contradição, porém se esclarece invocando a existência de duas instâncias psíquicas e a censura estabelecida entre elas” (FREUD, 1900/1988, p. 247). E, não foi para procurar dar conta dessa estrutura paradoxal que Freud construiu o edifício teórico da psicanálise? Logo, querer imputar ao sujeito como única culpa ‘ter cedido de seu desejo’, mais do que uma questão ética, não estaria indicando que, afinal de contas, o sujeito defronta-se com uma limitação da sua liberdade?

Porque, se a estrutura do desejo é paradoxal, se as vias de satisfação que a pulsão abre no real são, como nos ensinou Freud, a *transformação no contrário*, a *volta para a própria pessoa*, o *recalque* e a *sублиmação*, não será o *conceito de*

sublimação, tema de um dos trabalhos metapsicológicos que teria sido perdido, justamente uma maneira de elaborar uma questão que a própria teoria levanta? Pois que outra satisfação – que não seja patológica ou fique fora do campo da ética – poderá o sujeito encontrar, se não pela via da sublimação? Esse é um dos pontos que gostaríamos de desenvolver.

Mas, vejamos ainda, como fica o outro lado da moeda, ou seja, aquele que menos, ou mais confortavelmente, ocupa seu lugar na poltrona, ou seja, o lugar do analista desde a perspectiva de uma ética da psicanálise: “*o analista deve pagar algo para ocupar sua função*” (LACAN, 1959-60/1988, p. 349). No *Seminário da Ética*, Lacan reproduz aquilo que tinha afirmado em *Direção da cura e os princípios de seu poder* (1958/1988). O analista paga com palavras, suas interpretações, paga com sua pessoa, já que pela transferência é literalmente despossuído dela, e paga também com certo julgamento no que diz respeito a sua ação:

(...) A análise é um juízo. Alhures isso é exigível em toda parte, mas, se pode parecer escandaloso enunciá-lo aqui, é provavelmente por alguma razão. E a razão é que, por um certo aspecto, o analista tem muita consciência de que não pode saber o que faz em psicanálise. Há uma parte dessa ação que lhe resta, a si mesmo, velada (LACAN, 1959-60/1988, p. 350).

E quando se interroga sobre “será que é o final da análise o que nos demandam?” (LACAN, 1959-60/1988, p. 350), a resposta de Lacan é que, no mínimo, o analista se encontra numa posição, senão desconfortável, pelo menos paradoxal, pois seu destino, ao final de cada processo de análise, é enfrentar que ele também não tem aquilo que lhe é suposto ter, já que lhe pedem o que os autores ingleses descrevem como *happiness*.

II. Sobre os sentidos do desejo

Se há um termo que serve para ilustrar o que é um significante, é o *desejo*. E mesmo porque na teoria psicanalítica – o campo do desejo – este só pode se constituir no reino do significante, no nível em que há relação do sujeito ao Outro (LACAN, 1963-64/1979, p. 242). Significante é tudo aquilo que tem efetivamente um sentido e este “é o de fazer advir, o de colocar seu próprio sentido” (JURANVILLE, 1987, p. 75). A partir da perspectiva do questionamento filosófico, é compreensível que o que tem sentido seja desejável, e até mesmo o desejável, pois para esse questionamento, “o bem, na medida em que constitui

aquilo que é buscado pelo desejo, é o ser – um. Ora, o sentido é a unidade, enquanto imposta pelo sujeito, de uma diversidade sensível; de modo que é admissível que a presença do significante introduza algo que é da ordem do desejo” (JURANVILLE, 1987, p. 75).

Não é casual que, ao nos depararmos com a definição de *desejo*, no *Vocabulário da psicanálise*, encontremos a seguinte distinção: “o termo *desejo* não tem o mesmo valor na sua utilização que o termo alemão *Wunsch* ou o termo inglês *wish*. *Wunsch* designa sobretudo a aspiração, o voto formulado, enquanto o *desejo* evoca um movimento de concupiscência ou de cobiça em alemão, traduzido por *Begierde* ou ainda por *Lust*” (LAPLANCHE & Pontalis, 1982/1977, p. 158). Segundo o nosso Aurélio, o termo *desejo*, que teve sua origem no latim vulgar (*desidiu*), possui os seguintes sentidos: ato ou efeito de desejar; vontade de possuir ou de gozar; anseio, aspiração, cobiça, ambição, vontade de comer ou beber, apetite, apetite sexual e, popularmente, na gravidez, vontade exacerbada de comer e/ou beber determinada(s) coisa(s) (FERREIRA, 1975, p. 450).

Essa dificuldade inicial com o termo *desejo* – e seus sentidos, quando escrito como *Wunsch*, *Begierde* ou *Lust* em alemão, ou como o *wish* dos ingleses, ou como o nosso *desejo* – não será menos problemática do que a leitura desse significante – *desejo*, no campo da teoria psicanalítica. A esse respeito, é interessante reproduzir a crítica feita por Lacan:

Estamos tocando aqui numa direção que foi pouco explorada na análise. Parece que a partir da sondagem, do flash que a experiência freudiana lançou sobre as origens paradoxais do desejo, sobre o caráter de perversão polimorfa de suas formas infantis, uma propensão geral levou os psicanalistas a reduzir essas origens paradoxais para mostrar a convergência em direção a um fim de harmonia (LACAN, 1959-60/1988, p. 242).

Essa crítica, assim a entendemos, mostra que não é pela via de um moralismo ou de um idealismo que a psicanálise pode encontrar seu *orthos logos*, como nos diz Lacan. No entanto, é necessário que haja uma via, e essa não é outra senão a própria visada ética a que o campo teórico da psicanálise nos conduz. Foi na teoria do sonho que Freud definiu, mais claramente, o que se pode entender por *Wunsch*:

Havíamos nos aprofundado na ficção de um aparelho psíquico primitivo, cujo trabalho era regulado pelo afã de evitar o acú-

muldo de excitação. Por isso o construímos seguindo um esquema de aparelho reflexo; a motilidade, ao começo, como caminho à alteração interna do corpo, era a via de descarga que se lhe oferecia. Elucidamos depois as consequências psíquicas de uma vivência de satisfação, e então já pudemos introduzir um segundo suposto, a saber, que o acúmulo de excitação – segundo certas modalidades de que nos ocupamos – é percebida como desprazer, e põe em atividade o aparelho a fim de produzir de novo o resultado da satisfação; nesta, a diminuição da excitação é sentida como prazer. A uma corrente dessa índole produzida dentro do aparelho, que arranca do desprazer e aponta ao prazer, chamamos desejo, e nenhuma outra coisa é capaz de pôr em movimento o aparelho, e que o decurso da excitação dentro deste é regulado automaticamente pelas percepções de prazer e desprazer. O primeiro desejar pode ter consistido em investir alucinatoriamente a recordação da satisfação. Porém, esta alucinação, quando não podia ser mantida até o esgotamento, resultou inadequada para produzir a interrupção da necessidade e, portanto, o prazer ligado com a satisfação (FREUD, 1900/1988, p. 587-588) (*a tradução é nossa*).

Portanto, desde o início esta articulação entre o desejo e sua satisfação depara-se com o impossível: o objeto falta. Há uma corrente [*Strömung*] que arranca do desprazer e aponta o prazer. Bem, sobre isso aprendemos com Freud, em *O mal-estar na cultura*, que o programa do princípio de prazer “entra em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo” (FREUD, 1930 [1929]/1988, p. 76). Portanto, há uma falta que coloca algo em movimento – em Freud, o aparelho psíquico; em Lacan, a cadeia significante –, movimento esse, que não é senão o próprio movimento do desejo. Pois, a cada impossibilidade algo se movimenta, mas se movimenta em direção a quê? Certamente, deve haver um ponto, ainda que situado no infinito, para onde aponte o prazer.

No modelo de aparelho psíquico construído por Freud em *Interpretação dos sonhos*, ele atribui à atividade de um segundo sistema a função de impedir que o *investimento mnêmico* possa avançar até a percepção e dali fazer uma ligação das forças psíquicas. Mas, a esse segundo sistema cabe conduzir a excitação que “parte do estímulo da necessidade por um rodeio que, finalmente, por via da motilidade voluntária, modifica o mundo exterior de modo tal que

possa surgir, não apenas uma percepção alucinatória, mas uma percepção real do objeto de satisfação” (FREUD, 1900/1988, p. 588).

Em momento algum se encontra Freud falando de percepção do *objeto do desejo* e sim, de percepção real do *objeto de satisfação*. Sobre o objeto, sabemos que é aquilo que de mais variável existe para a pulsão. “Não sem bom fundamento o fato de a criança mamar do peito de sua mãe se tornar paradigmático para todo vínculo de amor. O achado [encontro] de objeto é propriamente um reencontro” (FREUD, 1905/1988, p. 203). A *experiência de satisfação* marca um primeiro momento mítico, onde se dá para o sujeito essa primeira apreensão da realidade. Em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60/1988), Lacan faz uma leitura desse momento mítico, descrito por Freud em *Projeto de psicologia para neurologistas*, um texto que, como sabemos, foi escrito em 1895, porém só publicado em 1950: “É aqui que intervém essa realidade que tem relação com o sujeito da maneira mais íntima – o *Nebenmensch*. Fórmula totalmente surpreendente na medida em que articula energicamente o à-parte e a similitude e a identidade” (LACAN, 1959-60/1988, p. 68). É a partir desse lugar, originalmente ocupado pelo *Nebenmensch*, que algo vai se estabelecer – justamente porque esse *Outro Mítico*, esse *Outro Pré-histórico* – só podemos encontrá-lo como *saudade*. “Isso é algo que, antes da prova dessa busca, estabelece seu termo, sua meta e sua visada” (LACAN, 1959-60/1988, p. 69).

Julgamos que essa passagem fica melhor elucidada quando pensamos que “ser segundo o significante é desejar” (JURANVILLE, 1987, p. 75). No entanto, ocorre que nada é significante senão a partir de outro significante. Por isso, ser segundo o significante é ser desejável e desejante, ao mesmo tempo. É desejar, mas com a determinação específica de que o *objeto absoluto* falta. Segundo Lacan, este complexo de *Nebenmensch* se divide em duas partes. Tudo que for atributo, qualidade do objeto, entra “no investimento do sistema e constitui as *Vorstellungen* primitivas, em torno das quais estará em jogo o destino do que é regulado segundo as leis de *Lust* e de *Unlust*, do prazer e do desprazer, naquilo que se pode chamar de as entradas primitivas do Sujeito. *Das Ding* é absolutamente outra coisa” (LACAN, 1959-60/1988, p. 68). Para Juranville, *das Ding* ocupa no discurso analítico um lugar que julgamos ter certa relação com o lugar do *bem absoluto*, no discurso filosófico. Neste, estamos colocados frente a uma situação eminentemente paradoxal: “o ser daquele que questiona tende inteiramente para esse bem absoluto que seria o saber, mas supõe-se, logo à primeira tentativa e radicalmente, que nenhuma resposta será dada e que se manterá a falta do saber” (JURANVILLE, 1987, p. 15-16). Para o discurso filosófico, “o ser daquele que questiona, portanto, é desejo. Certamente não um de-

sejo que deva passar, por se efetuar a apropriação do objeto, mas um desejo que permanece sem que o objeto seja alcançado, a despeito da falta de objeto” (JURANVILLE, 1987, p. 16).

Aqui, consideramos que possa haver um ponto de intercessão importante entre o discurso filosófico e o discurso analítico, entre o desejo do saber absoluto que falta e o desejo que busca o reencontro com o objeto absoluto, *das Ding*, que falta também. Pensamos que entre esses dois discursos podemos articular esse ponto de intercessão àquilo que, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud denomina *pulsão de saber*:

Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança alcança seu primeiro florescimento, entre os três e cinco anos, se inicia nela também aquela atividade que se atribui à pulsão de saber ou investigar. A pulsão de saber não pode computar-se entre os elementos pulsionais elementares nem se subordinar de maneira exclusiva à sexualidade. Sua ação corresponde, por uma parte, a uma maneira sublimada de se apossar, e pela outra, trabalha com a energia da pulsão de ver. Embora seus vínculos com a vida sexual tenham particular importância, pois através da psicanálise temos averiguado que a pulsão de saber das crianças recai, em forma insuspeitadamente precoce e com inesperada intensidade, sobre os problemas sexuais, e é ainda, talvez, despertada por estes (FREUD, 1905/1988, p. 176-177).

Esse ponto será por nós retomado no segundo momento deste artigo, quando examinaremos a sublimação como um dos destinos da pulsão. Mas por enquanto vamos avançar um pouco mais sobre a teoria lacaniana do desejo. Diante da objeção, feita ao discurso filosófico, de que se falamos de desejo a propósito de uma roupa, de um automóvel, como podemos pretender que se trate de um objeto absoluto, a resposta dada por Lacan é de que tal objeto, o *bem absoluto*, não é o objeto, mas a causa do desejo, objeto que será nomeado na linguagem lacaniana, de *objeto a*, isto é, objeto da fantasia (JURANVILLE, 1987, p. 16).

Uma elaboração da teoria lacaniana do desejo implica, necessariamente, a articulação entre os termos *pulsão e desejo*, onde a noção de *fantasia* é particularmente importante pela posição que ocupa na teoria do inconsciente. Nas palavras de Lacan: “é em relação ao real que funciona o plano da fantasia, a fantasia protege o real”, e mais adiante acrescenta: “a fantasia nunca é mais do

que a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro” (JURANVILLE, 1987, p. 153). Outro ponto importante, nessa elaboração, é a própria noção de *objeto a*, *objeto causa do desejo*, ou para sua manutenção. E, finalmente, a noção de *das Ding*, a Coisa, lugar de encontro com a falta do objeto absoluto. É claro que, se não podemos dizer tudo, pelo menos que algo seja dito, já que estamos interessados na via da sublimação, é nessa direção que caminha nosso dizer. Para Juranville, a primeira relação efetiva com o objeto não é o desejo, mas aquilo que a teoria do inconsciente, a partir de Freud, denominou pulsão. E, ele chama atenção de que:

Nem Freud, que introduziu a noção de pulsão, nem tampouco Lacan, fizeram dessa distinção algo de essencial. E no entanto é ela que permite dar o fundamento do qual decorrem as diversas características que Freud atribui á pulsão, e é ela também que se deduz da concepção do inconsciente e do significante (JURANVILLE, 1987, p. 153-154).

A abordagem proposta por Juranville abre uma via interessante para a compreensão da teoria do desejo. Mas não é o momento de nos estendermos sobre este ponto; por ora nos basta fazer algumas pontuações, antes de passarmos ao nosso segundo tópico, sobre a sublimação. Mas ainda em relação ao desejo, outro aspecto importante é que, embora o *objeto absoluto* falte, para que o desejo se mantenha é necessário que haja uma lei, uma lei que ordena desejo e à qual o sujeito do inconsciente está assujeitado:

É essa interiorização da lei que possibilita à criança constituir-se como sujeito. É o momento em que a criança, ao ser separada da mãe pelo interdito paterno, toma consciência de si mesma como uma entidade distinta e como sujeito e é introduzida na ordem da Cultura. Esse é também o momento inaugural da família simbólica (GARCIA-ROZA, 1987, p. 223).

Sobre a relação da lei com o desejo, Lacan afirma em *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*:

É isto que se trata de segurar firmemente em nossa mão, Freud designa na *interdição do incesto o princípio da lei primordial* da qual todos os desenvolvimentos culturais são apenas as consequências e as ramificações e, ao mesmo tempo, ele identifica o

incesto com o desejo mais fundamental (LACAN, 1959-60/1988, p. 87-88, *o grifo é nosso*).

Prosseguindo um pouco mais adiante, ele esclarece o que quer dizer com “o princípio da lei primordial”:

O que encontramos na lei do incesto situa-se como tal no nível da relação inconsciente com *das Ding*, a *Coisa*. O desejo pela mãe não poderia ser satisfeito pois ele é o fim, o término, a abolição do mundo inteiro da demanda, que é o que estrutura mais profundamente o inconsciente do homem. É na própria medida em que a função do princípio do prazer é fazer com que o homem busque sempre aquilo que ele deve reencontrar, mas não poderá atingir, que nesse ponto reside o essencial, esse móvel, essa relação que se chama a lei da interdição do incesto (LACAN, 1959-60/1988, p. 87-88).

É interessante sublinhar, como nos diz Garcia-Roza, o seguinte:

O que a natureza nos diz é que os filhos somente podem ser produto da relação entre pais de sexos opostos, mas não estabelece nenhuma lei quanto a quem serão os pais ou que eles devem estabelecer uma aliança. Uma coisa é, portanto, o fato natural da consanguinidade; outra coisa é o fato cultural da aliança (Garcia-Roza, 1987, p. 216).

A relação entre a lei e o desejo é uma relação estrutural e estruturante, por onde se marca a entrada no *Simbólico*, e permite também a passagem necessária do *Imaginário* ao *Simbólico*, possibilitando a emergência dessa nova ordem tão humana, demasiadamente humana, que é a ordem do desejo. Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* Lacan afirma: “a castração quer dizer que é preciso que o gozo seja rejeitado, para que possa ser alcançado na escala invertida da Lei do desejo. Não iremos mais longe aqui” (LACAN, 1960/1988, p. 807, *a tradução é nossa*).

III. Relações entre o desejo, seus objetos e a sublimação

Juranville sublinha que não basta nos limitarmos ao sujeito e à lei, pois

ainda assim deve existir um objeto. Essa enigmática relação entre o desejo e seus objetos nos interessa, pois além da contribuição inovadora de Lacan, com sua concepção do *objeto a*, esse é um ponto a partir do qual se abre o debate sobre a questão da *transformação do alvo pulsional*, e não do *objeto da pulsão*, na *sublimação*. A própria concepção freudiana da teoria da sublimação apresenta controvérsia em relação a esse aspecto e Lacan reverte o problema mostrando que, na verdade, não se trata tanto de uma transformação e, sim, de um deslizamento.

Ora, seja uma transformação, seja um deslizamento, o que se encontra em jogo é a mobilidade pulsional ao invés de uma fixação. Essa mobilidade permite ao Sujeito a inscrição de seu desejo em um campo socialmente valorizado. No entanto, o que delimita esse valor já não diz respeito, estritamente falando, ao campo de saber psicanalítico, pois o que dá a medida desse valor é o campo histórico e social sobre o qual incide o saber psicanalítico. Essas são algumas das questões que pretendemos abordar neste segundo momento, em que queremos problematizar as relações entre o desejo, seus objetos e a sublimação.

O objeto que, apesar de tudo, ainda deve existir, não se trata, como já sabemos, do *objeto do desejo*, já que sua falta é radical. Bem, se não podemos ter um *objeto do desejo*, resta-nos um *objeto para o desejo* e, para Lacan, esse irá se constituir como *objeto da pulsão*, aquele que ele denomina *objeto a*. Vamos procurar, então, circunscrever o conceito lacaniano do *objeto a*. Em *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (LACAN, 1963-64/1979) encontram-se as seguintes afirmações: primeiro, que o *objeto a* consiste justamente naquilo de que o sujeito precisou se separar como órgão para poder se constituir como sujeito. O que pode ser tomado como símbolo da falta, ou seja, do falo, não como presença, mas mais precisamente como falta. Portanto, o objeto ocupa esse lugar, como aquilo de que se é separável e como aquilo que ocupa o lugar da falta. Então, esse objeto assume diversas formas pelas quais pode ser encarnado. Por exemplo, no primeiro nível, o mais primitivo, o nível oral, trata-se do *nada*, pois aquilo de que o sujeito foi desmameado não é mais nada para ele. Dessa forma fica muito claro como o objeto do desmame pode funcionar como privação, no nível da castração. No nível seguinte, o nível anal, o objeto ocupa o lugar da metáfora: oferecer um objeto por outro, oferecer as fezes no lugar do falo. Nesse sentido, a pulsão anal se situa no domínio da oblatividade, do dom, do presente, onde somos apanhados desprevenidos: se, por causa da falta, não podemos dar o que deveríamos dar, podemos sempre dar outra coisa. Dessa forma, em sua moral o homem se inscreve sempre no nível anal. Quando chegamos ao nível escópico, passa-se para o

nível, não mais do pedido, mas do desejo do Outro, ao nível da pulsão invocadora, que está mais próxima da experiência do inconsciente. De maneira geral, a relação do olhar com o que se quer ver é uma relação de logro, uma vez que o sujeito se apresenta como o que ele não é, e o que se mostra a ele não é o que ele quer ver. Por isso o olho pode funcionar como *objeto a*, ou seja, no nível da falta (LACAN, 1963-64/1979, p. 101-102). Sobre esta concepção lacaniana a respeito da diversidade das pulsões, que se contrapõe à concepção freudiana dualista das pulsões, Juranville nos apresenta a seguinte descrição:

A primeira pretende que existam quatro *objetos a* e, portanto, quatro pulsões: a oral, a anal, a escópica (para qual o objeto é o olhar) e a invocadora (onde o objeto é a voz). O ineditismo da teoria de Lacan se aguça se considerarmos que ele articula (não ousamos dizer deduz) essas quatro pulsões como o modo variável como se estabelece, em cada caso, a relação ao Outro. Levar em conta essa dimensão do Outro na determinação dos *objetos a* resulta, simultaneamente, da consideração do desejo do Outro na qualidade daquilo que efetua a separação original do objeto, mas também do fato de que o Outro ocupa, a princípio, o lugar do objeto absoluto do desejo. Lacan associa o objeto oral à demanda no Outro, o objeto escópico ao desejo no Outro, e o objeto vocal ao desejo do Outro (JURANVILLE, 1987, p. 159).

Mas isso ainda é pouco para penetrarmos – melhor seria dizer: atravessarmos – o conceito de *objeto a*. Buscando essa compreensão, encontramos em *O Seminário, livro 20: mais, ainda*, bem a propósito, a seguinte explicação:

Por que foi que fiz intervir, em tempo antigo, o nó borromeano? Era para traduzir a fórmula eu te peço – o quê? – que recuses – o quê? – o que te ofereço – por quê? – porque não é isso – isso, vocês sabem o que é, é o *objeto a*. O objeto a não é nenhum ser. O *objeto a* é aquilo que supõe de vazio um pedido, o qual, só situando-o pela metonímia, quer dizer, pela pura continuidade garantida do começo ao fim da frase, podemos imaginar o que pode ser um desejo que nenhum ser suporta. Um desejo sem outra substância que não a que se garante pelos próprios nós (LACAN, 1972-73/1985, p. 170-171, o grifo é nosso).

E explicitando, ainda mais, o que enuncia com a frase “*eu te peço que recuses o que te ofereço*”, Lacan afirma que só pode motivá-la com esse “*não é isso*” que ele havia retomado da última vez. Para Lacan, “*não é isso*” significa apenas que todo pedido comporta o desejo da requerência do *objeto a*, este objeto encarregado da satisfação do gozo – este mesmo gozo que se inscreve como *Lustbefriedigung*, a qual foi denominada no discurso psicanalítico a pulsão genital, denominação imprópria que aponta para algo da ordem de “uma relação que seria a relação plena, inscritível, de um, com o que resta irredutivelmente Outro” (LACAN, 1972-73/1985, p. 171). Lacan afirma que sua insistência recai sobre o seguinte ponto: o parceiro deste eu que é o sujeito, sujeito que se faz presente em qualquer frase de pedido, é não o Outro, mas justamente aquilo que o substitui como *causa do desejo*, e que ele afirma ter dividido em quatro causas, segundo a descoberta freudiana: *objeto de sucção*; *objeto de excitação*; o *olhar* e a *voz*. Portanto, por se colocar como substitutos do Outro, esses objetos podem ser alvo de um pedido e se constituir em causa do desejo. Ainda para Lacan, o sujeito representa para si os objetos inanimados em função de *não existir relação sexual*. De sua perspectiva, existem apenas corpos falantes e que fazem para si uma idéia do mundo como tal. Nessa perspectiva, o mundo do ser pleno de saber é somente um sonho, um sonho do corpo como corpo falante, uma vez que não existe sujeito conhecedor (LACAN, 1972-73/1985, p. 171).

Insistindo em querer compreender, ainda mais, do que se trata, ou melhor, o que está em jogo, recorreremos ao que nos explica Miller, no *Matemas II*. Ao afirmar que não existe relação sexual, o que Lacan quer dizer, afirma o autor, é que as relações sexuais existem por suposto, é claro, porém em nossa espécie humana não encontramos uma relação fixa e invariável, como escrita, graças à qual um homem e uma mulher podem reconhecer no outro aquele que lhe faz falta. Com isso, sempre há espaço para a invenção e criação de diferentes maneiras ao longo da história pelas quais os homens e as mulheres podem se relacionar uns com os outros. Múltiplas formas que se abrem no espaço social pelo simples fato de que não há uma relação fixa e invariável, dada *a priori*. No entanto, com tudo isso pode ser surpreendente verificar que o que os homens e as mulheres inventaram e inventam nesse tipo de matéria é muito pouco, frente aos que esperavam muito, por exemplo, da liberação do desejo. Assim, o que a experiência analítica tem comprovado é que a oferta e a gama dos fantasmas de que são capazes homens e mulheres é, em suma, bastante limitada (MILLER, 1988, p. 129, *a tradução é nossa*). No entanto, Miller faz a seguinte observação, que nos pareceu bastante importante:

Porém, Lacan nunca apresentou o que dizia como um *descentramento do sujeito*; foi Freud quem, em determinado momento, comparou seu descobrimento com Copérnico e falou de *descentramento*. O fastidioso do descentramento copernicano é que em realidade é a promoção de um centro, de um centro mais centro que nenhum, pois é o sol. Aqui se trata de algo muito distinto. Trata-se, primeiro, de assinalar no homem esse excêntrico com relação ao significante porém, mais além, o que se descobre com a psicanálise é um ser do homem estritamente inédito na história (MILLER, 1988, p. 130, *o grifo é nosso*).

Ainda segundo Miller, o que Freud descobre é que, para cada ser falante, existem palavras que foram decisivas. E são essas palavras que foram pronunciadas antes mesmo do próprio nascimento, as palavras do discurso dos pais; são essas palavras que serão determinantes daquilo que cada um terá de pagar ao longo de sua própria vida (MILLER, 1988, p. 130).

Escolhemos o texto freudiano de 1910, *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci* (Freud, 1910/1988), para pensarmos sobre a relação entre o desejo, seus objetos e a sublimação. Vamos poder agora retomar a questão levantada por Freud, em 1905, nos *Três ensaios de teoria sexual*, sobre a pulsão de saber: “a ação da pulsão de saber corresponde, por uma parte, a uma maneira sublimada de apossamento e, pela outra, trabalha com a energia da pulsão de ver” (FREUD, 1905/1988, p. 177).

A interpretação e reconstrução do fantasma originário de Leonardo tratam, a nosso ver, de uma problemática na qual Freud, como sujeito, estava implicado. Pois se a cena da recordação de infância, anotada em um dos escritos científicos de Leonardo, lhe pareceu tão significativa, não terá sido porque evocou uma outra, que já lhe era familiar, desde a sua própria história infantil? Tão marcante a ponto de conduzi-lo a cometer uma impropriedade em relação ao sentido atribuído a certas imagens pictóricas nas telas de Leonardo, como questionado pelo crítico de arte M. Shapiro (BIRMAN, 2002, p. 105-106).

Entre os sete ou oito anos de idade, Freud teve um sonho de angústia que, trinta anos depois, ele interpretou apenas: “Foi um sonho extremamente nítido e mostrava minha mãe querida, com uma expressão do rosto particularmente tranquila e adormecida, sendo carregada para seu quarto e estendida sobre o leito por duas (ou três) personagens com bicos de pássaro. Acordei chorando e gritando, e perturbei o sono de meus pais” (LAPLANCHE, 1987, p. 101). Nesta lembrança infantil de Freud, podemos destacar um ponto de iden-

tificação, esta *Vorstellungsrepräsentanz* – pois parece que é disso que se trata nessas formas de pássaro. Nas telas de Leonardo Freud identificava, imprópriamente, a figura de um abutre; em seus próprios sonhos, via personagens com bicos de pássaro. Claro que Freud não possuía, em relação a Leonardo, as cadeias associativas de que dispunha em seu próprio caso: *vögeln*, em alemão, de *Vogel*, pássaro, que significava trepar; palavra vulgar, que Freud ouviu pela primeira vez, de Philippe, garoto mal educado, cujo nome se assemelhava a Philippson, Bíblia de Philippson, essa que Freud possuía desde criança em que havia, entre suas ilustrações, um baixo relevo egípcio, que representava os deuses com cabeça de falcão (LAPLANCHE, 1987, p. 101).

No caso de Leonardo, a reconstrução realizada por Freud está baseada na suposição de que “as recordações não compreendidas da infância e as fantasias que uma pessoa constrói sobre elas põem em relevo o mais importante de seu desenvolvimento anímico” (...) “este menino, que nos começos de sua vida tropeçou com um problema mais que os outros, começara a pesquisar com particular paixão sobre este enigma e assim se convertera bem cedo em um investigador a quem torturavam estas grandes questões: de onde vêm as crianças, e que relação tem o pai com a sua gênese” (FREUD, 1910/1988, p. 85-86). No texto de 1908, *Sobre as teorias sexuais infantis*, Freud fala da impressão causada na criança, com a chegada de um irmão, momento esse em que a criança se coloca sua primeira grande questão. Tanto a pergunta quanto todo o investigar vão ser considerados produto da *urgência da vida*, e esse pensar, ao conseguir se emancipar de sua incitação prossegue seu trabalho como uma pulsão autônoma de investigar (Freud, 1908/1988, n. 4, p. 190). Essa noção de *urgência da vida*, trabalhada por Freud, tanto na *Interpretação dos sonhos* quanto no *Projeto*, é a força que perturba a função primeira do aparelho psíquico, a função de descarga, a ponto de ser admitida uma retenção, uma ligação da energia, permitindo a realização da ação específica, já que o indivíduo está sob condições que podem ser definidas como de *urgência da vida*.

Com *Leonardo*, parece haver sido efetivamente assim, pois “seus afetos eram dominados, submetidos à pulsão de investigar” (FREUD, 1910/1988, p. 69). Para Freud, Leonardo era um ser apaixonado e havia sido contemplado com a chama divina que, para Freud, é a força pulsionante, *il primo motore* de todo obrar humano. O que ele havia feito era transformar a paixão em esforço de saber, pois se dedicava à investigação com tenacidade e persistência, que só podiam ser derivados da paixão, e quando estava no “auge do trabalho intelectual, após haver ganho o conhecimento, deixava que transbordasse o afeto lar-

gamente retido, que fluísse com liberdade como um braço desviado do rio depois que ele culminava a obra” (FREUD, 1910/1988, p. 69-70). Na perspectiva freudiana é quase impossível alcançar as transformações da força pulsional psíquica em diversas formas de atividade, sem perda alguma, tal como a das forças físicas. Quando encontramos no quadro de caráter de uma pessoa, como no caso de Leonardo, uma única pulsão modelada de maneira hiperintensa, o apetite de saber – Freud afirma – é esperado que se confirmem duas expectativas: a primeira, de que “essa pulsão hiperintensa se tenha manifestado já na primeira infância dessa pessoa, e consolidara sua soberania por obra de impressões da vida infantil; e além disso, supomos que originariamente se atraiu como reforço umas forças pulsionais sexuais, de sorte que mais tarde pode substituir um fragmento da vida pulsional” (FREUD, 1910/1988, p. 72). Freud considera que o fato de que, em geral, as pessoas consigam guiar porções consideráveis de suas forças pulsionais sexuais para a esfera profissional se deve a que “a pulsão sexual é particularmente idônea para prestar essas contribuições, pois está dotada da aptidão para a *Sublimação*; ou seja, que é capaz de *permutar seu alvo* imediato por outros que podem ser mais estimados e não sexuais” (FREUD, 1910/1988, p. 72).

Se há uma questão, que certamente a *sublimação* levanta, é sobre o que pode ser o sexual dentro do campo analítico. Que o sexual, em termos da concepção do aparelho psíquico, diz respeito ao campo da representação – campos do *Imagário* e do *Simbólico*, em Lacan – campos do *Inconsciente*, *Preconsciente-Consciente*, em Freud. Quanto a isso, parece não haver dúvidas. Mas, em relação ao *Real*, a ordem do pulsional por excelência, bem, parece que aí temos um problema. Existiria ou não o que Freud, em sua primeira tópica, denominou *pulsão sexual*? Quando, na segunda tópica, Freud prefere denominar *pulsão de vida* um dos pólos de sua dualidade pulsional, como a que está encarregada de manter coesas partes antes separadas, parece que ele introduz uma modificação importante no conceito de pulsão sexual da primeira tópica, e que julgamos importante destacar nesse momento:

Acrescento aqui algumas palavras destinadas a esclarecer nossa terminologia que, no curso destas elucidações, teve certo desenvolvimento. Aprendemos o que eram as *pulsões* sexuais por sua relação com os sexos e com a função de reprodução. E depois conservamos esse nome quando os resultados da psicanálise nos obrigaram a afrouxar o nexos dessas pulsões com a reprodução. Com a tese da libido narcísica e a extensão do conceito de

libido à célula individual, a *pulsão sexual* converteu-se para nós em *Eros*, que procura forçar as partes da substância viva umas para as outras e mantê-las unidas; e as comumente chamadas *pulsões sexuais* apareceram como a parte deste *Eros voltada para o objeto*. Segundo a especulação, este *Eros* atua desde o começo da vida e, como *pulsão de vida*, entra em oposição à *pulsão de morte*, nascida pela animação do inorgânico. A especulação busca então resolver o enigma da vida mediante a hipótese de que essas duas pulsões lutam entre si desde as origens (FREUD, 1920/1988, n. 27, p. 59).

Ainda em relação a esta questão da transformação do alvo e do objeto da pulsão que, em vez de visar o sexual no sentido estrito, pura e simplesmente *sublimam-se* na direção de uma transformação do alvo, Freud enuncia também, o seguinte:

Que moções pulsionais de uma fonte podem acoplar-se às de outra e compartilhar seu ulterior destino; que em geral uma satisfação pulsional pode ser substituída por outra: existem aí fatos indubitáveis segundo o testemunho da experiência analítica. Porém confessemos que não o compreendemos muito bem. Também o vínculo da pulsão com o alvo e o objeto admite variações: aquele e este podem permutar-se por outros, sendo todavia o vínculo com o objeto o mais fácil de afrouxar. Distinguímos com o nome de *sublimação* certa classe de modificação do alvo e mudança de via do objeto na qual intervem nossa valoração social (FREUD, 1933[1932]/1988, p. 89, *o grifo é do autor, a tradução é nossa*).

Lacan prefere falar em deslizamento. Para ele, as mudanças de objeto estão sendo produzidas ou pensadas no registro do significante, porém seus efeitos podem estar apontando para o real. A *Sublimação* é, antes de tudo, essa perene circulação pulsional, esse deslizamento pelas cadeias significantes e, portanto, diz respeito ao *Simbólico*. Por isso, para ele:

Na definição da sublimação como satisfação sem recalque há, implícito ou explícito, passagem do não saber ao saber, reconhecimento disto, que o desejo nada mais é do que a metonímia do

discurso da demanda. É a mudança como tal. Insisto, essa relação metonímica de um significante ao outro que chamamos de desejo, não é o novo objeto, nem o objeto anterior, é a própria mudança do objeto em si (LACAN, 1959-60/1988, p. 352).

Se o desejo não se manifesta pela presença de um novo objeto, nem pela presença do objeto anterior, mas muito mais pela mudança de objeto, podemos afirmar que a condição de surgimento do desejo nos fala de uma distância, esta que permite a passagem, o deslizamento de um significante ao outro, mas também uma outra, que faz do *real* o impossível, aquilo que o homem não cessa de escrever.

IV. À guisa de finalização

“Os neuróticos são um aborrecimento e um embaraço para todo mundo, inclusive para os analistas” (Cottet, 1989, p. 19). Quem nos fala desse aborrecimento é o próprio Freud, que revela que “essa decepção está no centro do dispositivo analítico. A regra fundamental e seu corolário (...) *gleichschwebende Aufmerksamkeit*, a atenção livremente flutuante, (...) implica que um analista admite deixar-se surpreender” (Cottet, 1989, p. 19). E, não há dúvidas de que essa foi uma qualidade que Freud, como pioneiro, conseguiu manter até o fim. O texto *Análise terminável e interminável* (FREUD, 1937/1988) é testemunha do que é a capacidade de *não ceder de seu desejo*.

Em nossa introdução também afirmamos que esse escrito é testemunha do que pode ser a capacidade em *não ceder de nosso desejo*. Mas quando chegamos ao final de uma análise, afinal, o que se trata de terminar? Há um sentido prático que é quando analista e analisando decidem não mais se encontrar. Sobre a colocação do limite para o final da análise, Freud afirma que “é eficaz, desde que se acerte com o tempo correto para ele” (FREUD, 1937/1988, p. 221). Esta frase soa, no mínimo, como um *Koan*. Mas quanto ao processo analítico, embora termine, a produção de sentido, esta, segue sendo interminável:

Assim, a problemática do enigma da história de um sujeito e da tessitura singular de sua neurose continua sendo o eixo primordial do processo psicanalítico. Decifrar o sentido de uma subjetividade e o estilo de suas formações psíquicas é o que coloca em movimento o processo psicanalítico. O desejo de saber do analista e do analisando é o que instiga o processo, mantendo em

movimento e instituindo algo da ordem da interminabilidade da análise (BIRMAN, 1988, p. 27).

Ao afirmar o que é destacado por Birman como contrapartida da interminabilidade da produção de sentido, o autor sublinha que isto não implica "afirmar a supremacia do *sentido* e seu infalível domínio sobre o *não sentido*, mas formular que o desejo de saber é o que coloca o sujeito em situação analítica" (Birman, 1988, p. 27). A situação analítica conduz o sujeito a se deparar com seu desamparo originário, desamparo frente àquilo que desconhece e não domina. No entanto, essa é a condição de possibilidade do saber psicanalítico, que se reproduz em cada demanda de análise, e também a possibilidade dos diferentes destinos pulsionais, como formas de subjetivação diversas que se abrem para o sujeito. Logo, quando se coloca ponto final, seja nos encontros com o analista, seja num texto, isso permite abrir uma distância para que o desejo possa prosseguir seu deslizamento sem fim, ao encontro de novos objetos e de novos destinos pulsionais, dentre os quais a *sublimação*. Esta é, dentre os destinos pulsionais possíveis, o que possibilita ao sujeito a liberdade de inscrever o desejo no campo histórico e social de acordo com sua valorização social, sem culpa por não ter cedido de seu desejo.

Tramitação

Recebido em 20/07/2010

Aprovado em 10/08/2010

Maria Theresa da Costa Barros

e-mail: mtcostabarrosglobo.com

Referências

BIRMAN, Joel. *Análise com ou sem fim?* Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988.

_____. Fantasiando sobre a sublimação. In: BARTUCCI, G. (Org.). *Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

COTTET, Serge. *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

FREUD, Sigmund. (1950 [1985]). Proyecto de psicología. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v. 1. p. 362-363.

_____. (1900). La interpretación de los sueños. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v. 4, 5.

_____. (1905). Tres ensayos de teoría sexual. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v. 7.

_____. (1908). Sobre las teorías sexuales infantiles. In: _____. *Obras completas*, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v. 9.

_____. (1910). Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v. 11.

_____. (1920). *Más allá del principio de placer*. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v. 18.

_____. (1923). La negación. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1988. v. 19.

_____. (1929[1930]). El malestar em la cultura. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1988. v. 21.

_____. (1933[1932]). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: 32ª conferencia: angustia y vida pulsional. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1988. v. 22.

_____. (1937). Analisis terminable e interminable. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1988. v. 23.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987

JURANVILLE, Alain. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987

LACAN, Jacques. (1958). La dirección de la cura y los principios de su poder. In: _____. *Escritos II*. 14. ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1988.

LACAN, Jacques. (1960). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano In: _____. *Escritos II*. 14. ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1988.

_____. (1959-60). *O seminário: livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. (1963-64). *O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

_____. (1972-73). *O seminário: livro 20: mais ainda*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. 3. ed. Santos: Martins Fontes, 1977. [1967].

LAPLANCHE, Jean. *A angústia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

MILLER, Jacques Alain. *Matemas II*. Buenos Aires: Ediciones manantial, 1988.